

A MENTIRA, A TOGA E O CRUCIFIXO: PERSPECTIVISMOS.

Geovane de Assis Batista

Juiz do Trabalho

A sala de audiências.

As partes.

Os advogados.

A mentira

A toga, a lei, a moral e o Crucifixo.

A queixa: assinatura no TRCT sem a entrega do dinheiro.

A defesa: a entrega do dinheiro e das guias do FGTS e do SD.

Interrogatório do Reclamante: versão mantida e ratificada quanto ao não recebimento do FGTS e do seguro desemprego.

Interrogatório da Reclamada: versão mantida e ratificada quanto à entrega do dinheiro e das guias do FGTS e do SD.

Os indícios: contrato de dez meses homologado na residência do sócio preposto (no primeiro andar da sede da Reclamada); na homologação, somente as partes presentes.

Audiência adiada para oitiva de testemunhas.

A questão a ser investigada: houve, ou não, a entrega do dinheiro?

De somenos importância, o resultado da querela.

Uma certeza e uma verdade: a existência da mentira, ante a unicidade fática.

No perspectivismo das normas religiosas, morais e jurídicas:

Há um crucifixo,

Há uma máxima moral universalizada,

Há uma lei e uma toga.

No perspectivismo da parte que falseia a verdade:

Não há crucifixo,

Não há moral

Não há lei nem toga.

No mar, a linha do horizonte.

Nos pretórios trabalhistas, as normas religiosas, morais e legais.

A mentira se faz borracha nietzschiana.

Apaga-se a linha do horizonte.

Impõe-se a desmesura, a irreligiosidade, a imoralidade e ilegalidade

Quem sobrepuja quem:

A mentira, ou a verdade do Crucifixo?

A mentira, ou a moral?

A mentira, ou a toga?

A mentira, ou a lei?

Perspectivismos...

— Senhor Secretário, a próxima audiência, por favor!

Onde há fatos, o perspectivismo do “humano demasiado humano” autoriza a determinado ‘centro de força’ a só ver interpretações. A leitura de *A mentira, a toga e o crucifixo: perspectivismo* é exemplo que qualifica a assertiva proposicional.

Pode ser que outros olhares poucas luzes joguem. Talvez, quiçá, por acharem interessante direcionar a reta razão disjuntiva e excludente, ou seja, somente para a toga, ou para moral, ou para o crucifixo. Natural que assim seja. Afinal, essa é a essência do perspectivismo: a leitura singular e diferenciada sobre o mesmo fenômeno, de tal sorte que, a cada olhar, um ponto de vista. É exatamente o conjunto dos pontos de vista que pode ensejar a universalização da representação fenomenal.

Sim: perspectivismo é campo de força. A toga, por exemplo, é um campo de força, cujo imperativo primordial é a promoção da Justiça. Mas a toga se diz de vários modos, porque a abóbada sob a qual se encontra o homem de preto, também pode acolher, e muita vez acolhe, a moral e o crucifixo.

Não há problema em acreditar que a Justiça possa ser alcançada com a autoridade dessa tríplice identidade normativa (moral, religiosa e legal: lei e toga). Mas também não é menos verdade dizer que bastam a toga e a moral, ou a toga e a religião, ou (para o amoral (nem moral nem imoral, indiferente; nem quente nem frio, morno; nem de um lado nem do outro, em cima do muro...) ou agnóstico) a simples toga...
Perspectivismo...

Até aqui, a visão vertical descendente do Crucifixo, da Toga e da Moral. Analisemos, doravante, a visão ascendente relacionada à parte que mente, porque ali também se encontra um campo de força.

Nesse olhar, a mentira é tomada de empréstimo com o intuito deliberado de receber novamente o que já foi pago, ou, d’outro lado, não pagar o que deveria ser pago — e, o que é pior, com o aval da toga e/ou do crucifixo. Eis o perspectivismo da parte que mente.

Para esse campo de força, a virtude residiria na mentira... Absurdidades..., mas, eis, pois, sua moral; a toga e o crucifixo seriam apenas obstáculos imaginários a serem facilmente transpostos em nome do aumento ou da conservação do capital, conforme o mentiroso seja o Reclamante ou Reclamado.

Inseridos na mentira arditosamente construída, a moral, a toga e o crucifixo se precipitam sobre o seguinte paradoxo: conformar a ‘verdade formal’ (a mentira vencedora, portanto) à Justiça.

Para o perspectivismo, a Justiça pode advir da ‘verdade real’ ou da ‘verdade formal’. Quando advém da primeira, diz-se que a linha do horizonte (a moral, a toga e o

Crucifixo) resistiu à borracha. Mas quando da segunda, a linha do horizonte continuará a ser o que sempre foi: uma simples linha imaginária, cujo erro de percepção amalgamado à mentira romantizam a contemplação. Perspectivismos...